

Digressão sobre o campo: uma breve apresentação de “Por uma história da noção de campo”, de Bertrand Pulman

RACHEL RUA BAPTISTA BAKKE

Desde o lançamento de *Os Argonautas do Pacífico Ocidental*, consolidou-se na antropologia a idéia de que o trabalho de campo é um dos elementos fundamentais da construção do conhecimento na disciplina. Ainda que esse texto de Malinowski não seja o resultado da primeira investigação baseada na concepção de que era necessária a observação direta do grupo pesquisado por meio de uma imersão em seu cotidiano, do aprendizado de sua língua e costumes para construir o conhecimento antropológico, foi a partir desse texto que a discussão sobre o trabalho de campo se inaugurou na disciplina.

Em “Por uma história da noção de campo”, texto publicado originalmente em 1988 na *Gradhiva* (revista de museologia e antropologia fundada em 1986 por Michel Leiris e Jean Jamin, e editada pelo Musée du quai Branly, em Paris), Bertrand Pulman, atualmente professor de sociologia e antropologia no departamento de saúde, medicina e biologia humana da Universidade Paris 13, procura refletir sobre os impactos do signo campo nos discursos antropológicos sobre o trabalho de campo presentes na antropologia francesa naquele momento.

Se nos Estados Unidos os questionamentos sobre o conceito de campo e suas representações já eram bastante comuns, à época da publicação desse texto, Pulman constatava que isso também estava se tornando freqüente na antropologia francesa. Enxergando na maioria dos discursos antropológicos sobre o campo uma tensão entre o signo – campo – e seu referente – CAMPO – o autor propõe a reflexão dessa questão a partir das considerações de Ferdinand de Saussure no *Curso de lingüística geral*, ou seja, traçar a histó-

ria do signo campo, levando a discussão para o universo da língua, e assim entender melhor sua repercussão na antropologia francesa.

Percorrendo os usos da palavra campo, Pulman mostra que a expressão “ir ao campo”, muito usada pelos antropólogos, originalmente surgiu no vocabulário bélico, e designava ir até o local onde se desenrolava a batalha. Foi somente no século XVIII que essa expressão migrou para o contexto científico, no discurso da geologia.

A utilização da palavra campo na geologia mantém algumas analogias com seu uso na antropologia. Não é à toa que o autor resgata o trecho de *Tristes trópicos* no qual Lévi-Strauss afirma que a geologia foi uma de suas primeiras mestras, a ciência que, antes da antropologia, abordou a tensão entre sincronia e diacronia.

Depois da aproximação que faz entre a antropologia e a geologia, Pulman expõe quatro considerações a cerca da utilização atual da palavra campo na antropologia. A primeira seria que o termo é freqüentemente usado para se referir tanto ao objeto de pesquisa quanto ao local onde a pesquisa se desenrola; nesse sentido nos encontramos diante de uma bipolaridade semântica. A segunda consideração refere-se ao fato de ser a experiência de trabalho de campo que dá reconhecimento ao pesquisador dentro da comunidade científica, ou seja, para ser antropólogo é necessário ter ido ao campo.

A legitimidade dada pela experiência de campo foi construída textualmente, através de um recurso conhecido como autoridade etnográfica. Poder dizer “eu estive lá”, “eu vi” conferiu um estatuto de verdade ao discurso científico desses antropólogos em relação à geração anterior, de-

preciosamente rotulada de “antropólogos de gabinete”. Aqui Pulman introduz a terceira consideração, que é o fato de que a prática do campo se construiu como um valor em detrimento de um passado “preso ao gabinete”.

Nesse momento, o artigo se aproxima das reflexões da antropologia norte-americana após a introdução do paradigma hermenêutico. No mesmo período em que Pulman escreveu o texto, antropólogos norte-americanos, discípulos de Geertz, estavam desconstruindo a autoridade etnográfica e negando o discurso cientificista que a criou. O autor da etnografia e sua autoridade enquanto tal passam a ser questionados, pois o conhecimento é construído não mais somente pelo antropólogo, mas em sua relação dialógica com o pesquisado. Os horizontes do antropólogo e do nativo se fundem e as interpretações geradas desse *encontro etnográfico* tornam-se uma espécie de *saber negociado*.

Esses antropólogos propõem, então, novas formas discursivas para a antropologia, nas quais

(...) o texto que se procura elaborar como resultado final desse confronto (termo quem sabe melhor do que encontro) não pode estar mais submetido a um autor todo soberano, único intérprete de seus dados; mas deve integrar de alguma maneira o saber do Outro e, se possível, ser polifônico, onde as vozes dos Outros tenham a chance de serem ouvidas (Oliveira 1988, p. 100).

O paradigma hermenêutico introduz assim a intersubjetividade no trabalho de campo, ao

negar a objetividade científica presente anteriormente na autoridade etnográfica.

Essa intersubjetividade nos leva à quarta consideração de Pulman – o campo como local de confronto, isto é, o confronto entre “a documentação etnográfica em estado bruto e as categorias usuais de análise do pesquisador”.

Do ponto de vista de Pulman, levar o problema do campo para a língua, permitiria ainda outras reflexões, como entender os momentos discursivos em que pela primeira vez essa palavra foi utilizada na antropologia francesa. Outra possibilidade seria verificar o percurso da palavra campo na língua inglesa, e comparar seu uso nas duas línguas.

O texto de Pulman apresenta o modo como as questões do trabalho de campo, da autoridade etnográfica e do discurso antropológico foram abordadas pela antropologia francesa. Contribuição bastante significativa quando lembramos que, no contexto brasileiro, essa antropologia sempre foi classificada como intelectualista, e até mesmo marcada pela ausência da pesquisa empírica (Oliveira, 1988; Cavignac, 2001).

Referências bibliográficas

- CAVIGNAC, Julie Antoinette. Maurice Leenhardt e o início da pesquisa de campo na antropologia francesa. Texto apresentado no XXIV Encontro Anual da ANPOCS 2001. Disponível em: <http://cchla.ufrn.br/tapera/equipe/julie/maurice_leenhardt.pdf>. Acesso em: 18 jan. 2008.
- CARDOSO DE OLIVEIRA, Roberto. *Sobre o pensamento antropológico*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro; Brasília: CNPq (Biblioteca Tempo Universidade, n. 83). Disponível em: <<http://iris.ehess.fr/document.php?id=309>>. Acesso em: 15 jan. 2008

autor Rachel Rua Baptista Bakke

Doutoranda em Ciência Social (Antropologia Social)/USP
Bolsista FAPESP

Recebido em 29/01/2007

Aceito para publicação em 29/01/2008